

a "rede" de mulheres existe ...

-
- entrevista
 - "O Jornal"

Fundação Cuidar o Futuro



30 out. 81

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

FUNDAÇÃO PRIMEIRA MINISTRA
Fundação Cuidar o Futuro

Entrevista exclusiva



Fundação Cuidar o Futuro

**Lurdes
Pintasilgo:
A "rede"
de mulheres
existe...**

Leitor de Docu
FUNDAÇÃO
CUIDAR
O FUTURO
pág. 48
publicações

As mulheres são já uma força colectiva



«As mulheres são já, de facto, uma força colectiva», disse a «O Jornal», numa entrevista exclusiva, a embaixadora Maria de Lurdes Pintasilgo, a propósito de uma «rede» de mulheres recentemente constituída, em Portugal, com a sua participação.

Afirmando que a sua preocupação é a de «contribuir para a vitalizar o tecido social do nosso país», a antiga primeiro-ministro classifica como meras «conjecturas» os rumores que, segundo alguns, circulam quanto à possibilidade de tal «rede de mulheres» ser o embrião de um partido político.

«Não posso deixar de lutar por uma democracia que se manifeste também segundo vectores sociais, culturais e económicos», afirma Maria de Lurdes Pintasilgo, acrescentando que «se isso é interpretado como ameaça política, o problema é de quem tem da democracia um entendimento exclusivamente formal e relega para segundo plano o projecto de sociedade.»

A notícia da existência da «rede» animada por Lurdes Pintasilgo foi, ontem, quinta-feira, dada pelo matutino «Portugal Hoje», afecto à linha «soarista» do PS, num tom pelo menos recusatório, o que é patente, desde logo, no próprio título dominante da primeira página em que surge como dominante a expressão «Rede de mulheres alastra no Norte», isto sob um antetítulo muito mais pequeno, indicando que a «maioria» da «rede» é a actividade de Lurdes Pintasilgo. Em complemento, adianta-se que «as 'Julinhas' vão desenvolvendo reuniões e perspectivando um relançamento da rede».

A seguir se publicam excertos da conversa que «O Jornal» manteve com Maria de Lurdes Pintasilgo, a propósito da «rede» a que pertence:

«O Jornal» — Existe, de facto, uma «rede de mulheres» a que está ligada?

Maria de Lurdes Pintasilgo — Existe! Não só no Norte, mas em outras zonas do País. A «rede» é, antes de mais, uma manifestação de que as mulheres sentem de modo idêntico as contradições da sociedade. A partir dessa sensibilidade comum estabelece-se uma plataforma de encontro de que poderão vir a surgir formas próprias de intervenção social e cultural.

Em França e nos EUA

P. — Porquê a palavra «rede»?

R. — Surgiu como natural numa sociedade em que as estruturas organizativas aparecem cada vez mais rígidas.

Falar de «rede» é falar de tecido social, das malhas que constituem esse tecido, das estruturas que sustentam a sociedade, dos nós em que se apoia tudo o que na sociedade vive e se movimenta.

A «rede» é hoje a estrutura social mais flexível. Não só é anterior à ideia de «organização» como à própria noção, mais dinâmica, de «movimento». Parte do reconhecimento de afinidades — de situações, de problemas, de aspirações,

de projectos. Define-se pela inter-relação que estabelece, como reforço de acções e iniciativas já existentes. Indica, ao mesmo tempo, aquilo que se quer fazer e como se quer fazer.

Quer-se contribuir para o fortalecimento do tecido social e quer-se fazê-lo através das estruturas normais da vida e usando ao máximo a responsabilidade e a autonomia de cada pessoa. Quer-se aquilo que Alain Touraine, ao ouvir há dias a descrição de forma como a rede se tem tecido, classificou de «estrutura ausente».

Aliás, a palavra «rede» é hoje comum, em muitos países, para designar estruturas flexíveis, plasmáveis, de pessoas que têm afinidades entre si e que se propõem encontrar formas de intervenção próprias.

Assim, por exemplo, os «réseaux espérance» que se sucederam, em França, ao «apelo aos vivos» de Roger Garaudy. Assim, também, os «network» que, à volta das mais diversas questões, têm vindo a desenvolver-se nos Estados Unidos da América. A última «rede» de que me chegou notícia é a «Rede para a educação na Seguridade Mundial», baseada num apelo de Waldheim para que 0,1% do orçamento em armas seja dedicado a esforços positivos de desarmamento...

P. — Porquê, então, o carácter esotérico que a notícia do «Portugal Hoje» atribui à rede de mulheres na região Norte?

R. — Prefiro não comentar essa notícia que, a meu ver, revela um total desrespeito pelos princípios mínimos da deontologia jornalística. O comentário que tenho a fazer será certamente publicado pelo próprio «Portugal Hoje», ao abrigo do direito de resposta que, julgo eu, ainda me assiste.

P. — Quer então dizer-nos alguma coisa sobre os encontros que a «rede de mulheres» tem vindo a realizar?

R. — A iniciativa partiu de um grupo de mulheres que, como eu, sentiam a necessidade de criar um espaço de encontro onde as mulheres articulassem a sua forma própria de sentir e viver os problemas com que no dia a dia se confrontam. Preocupava-nos não tanto a conquista da «igualdade», nos termos formais como este conceito é geralmente entendido, mas a confirmação mútua de que as mulheres são já, de facto, uma força colectiva.

Tratava-se, afinal, de retirar o véu das estatísticas e dizer claramente que as mulheres são pilares efectivos de aspectos fundamentais da vida social, cultural e económica do país.

Partimos de encontros a nível nacional, onde mulheres de diferentes zonas do País se reconheceram nas mesmas aspirações e nas mesmas lutas.

Neste momento, a rede tem já uma forte implantação regional e local. Há distritos onde

quase todos os concelhos se encontram representados.

«Ameaça política»?

P. — Se se trata, como diz, de uma actividade de âmbito predominantemente social e cultural, como explicar o mal-estar criado em torno dessa iniciativa? Dir-se-ia que a «rede de mulheres» constitui para alguns uma ameaça...

R. — Infelizmente tenho que concordar que assim é. É ameaça a dois níveis:

— a nível político, para aqueles que temem todas as expressões de democracia social, esquecendo que o 25 de Abril abriu as portas não apenas ao pluralismo partidário mas a todas as formas de livre associação entre os cidadãos;

— a nível social, para aqueles que receiam ver emergir a «força das mulheres» como motor de transformação na nossa sociedade (uns por puro machismo — desejo de manterem as mulheres numa posição de inferioridade social; outros por espírito classista — medo de que a tomada de palavra por parte das mulheres venha pôr em causa privilégios de há muito adquiridos.)

P. — Há alguma semelhança entre essa «rede de mulheres» em Portugal e os «movimentos de mulheres» noutros países?

R. — As semelhanças são óbvias: a participação e a intervenção social das mulheres é hoje uma das conquistas democráticas de que mais se prezam tanto os países industrializados como os países do hemisfério Sul.

Entre nós, a movimentação de mulheres tem, porém, características próprias, que importa não esquecer. A luta das mulheres em Portugal não se coloca em termos exclusivamente feministas, como nos países altamente industrializados, nem tão pouco em termos exclusivamente políticos, como é o caso de certos países do Terceiro Mundo. Revela-se entre nós uma evidente sintonia entre a participação das mulheres na transformação das suas próprias vidas e a sua luta, como cidadãs, por uma sociedade com um projecto inovador e solidário.

P. — Para além desta «rede», ouve-se dizer que está a dinamizar uma grande movimentação social ou mesmo um «partido político». Que fundamento há para estas conjecturas?

R. — A expressão «conjecturas» é, de facto, a mais adequada. Estou, obviamente, em contacto com dezenas de grupos e instituições sociais, com os mais variados interesses e campos de acção. A minha preocupação é, como sabe, a de contribuir para vitalizar o tecido social do nosso País. Não posso, por isso, deixar de lutar por uma democracia que se manifeste também segundo vectores sociais, culturais e económicos.

Se isso é interpretado como ameaça política, o problema é de quem tem da democracia um entendimento exclusivamente formal e relega para segundo plano o projecto de sociedade.